

Revitalização do SCS

Paulo Zimbres e Luis Antonio Reis

Um observador postado no mirante da torre de televisão, olhando para a plataforma rodoviária, terá à sua frente um exemplo privilegiado da evolução da arquitetura de Brasília. O Setor Comercial Sul, que data dos primeiros anos da construção da cidade, e o Norte, de execução recente.

Apesar de lá encontrarmos exemplos isolados de edifícios de qualidade excepcional, o Setor Comercial Sul se apresenta como uma massa confusa e envelhecida. Reina ali um clima de decadência e descaso.

Já o Setor Norte, ainda que incompleto, chama a atenção pela atualidade e esmero de seus prédios, que sobressaem anunciando uma ambição primeiro-mundista.

O Setor Sul tem uma longa história. Acompanhando sua construção, desde a década de 60, comemorávamos cada vez que se levantava um bom projeto de arquitetura na linha de frente, junto ao Eixo Rodoviário.

Alguns nos emocionavam pela beleza das soluções, como as duas torres projetadas por Lelé para a Camargo Correa. Tudo feito de acordo com um plano urbanístico elaborado sob a inspiração de Lúcio Costa.

Atrás do grupo de edifícios verticais, situavam-se os blocos horizontais, constituídos por edifícios disciplinadamente perfilados.

Por muito tempo, o Setor Comercial Norte permaneceu intocado, um grande descampado sobre o qual imaginávamos que fosse construído algo parecido com o primeiro. Entretanto, isso não aconteceu.

A empreendedores e arquitetos foi oferecida muito maior liberdade para desenvolver seus projetos. Ainda que trabalhando sob um conjunto de normas e gabaritos, e sobre terrenos predefinidos, a forma final dos edifícios é totalmente livre. Essa liberdade, aliada à atualidade de algumas soluções arquitetônicas e tecnológicas, tornaram o setor visualmente expressivo, com exemplos de boa arquitetura.

Entretanto, a tendência introvertida dos empreendimentos atuais,

com seus *shoppings* fechados e climatizados, compromete a idéia de um setor com a urbanidade dos centros tradicionais, com esquinas, calçadas, pátios e praças. Constitui-se uma paisagem urbana desinteressante e maçante, com edifícios isolados e fechados sobre si mesmos, cercados por áridos estacionamentos.

O Setor Comercial Sul, apesar da precariedade de grande parte de sua arquitetura, possui uma qualidade de espaço urbano que, se não é facilmente reconhecível a um olhar descuidado, é real e pode ser explorada e revalorizada. Não se pode dizer que seja agradável circular pelo Setor Comercial Sul.

Nota-se um descaso total com seu tratamento paisagístico. Há conflitos permanentes entre pedestres e veículos. É lamentável a deterioração de pisos das calçadas, e é triste acompanhar o envelhecimento precoce de alguns de seus edifícios. Todavia, graças a seu repertório de espaços públicos, aquele conjunto urbano tem potencial para se tornar uma área de vitalidade.

Para que isto aconteça, é necessária a alteração de alguns conceitos. Primeiro, flexibilizar a idéia de zoneamento, permitindo que ali se instalem atividades hoje proibidas, como prédios residenciais e hotéis-residência, típicos das áreas centrais das grandes cidades.

Em seguida promover o enriquecimento do repertório de atividades culturais e de lazer, através de estímulos à construção, pela iniciativa privada, de bibliotecas, cinemas, galerias. Tais estímulos estariam vinculados a uma ampliação dos gabaritos no setor.

Muitos dentre os edifícios de pequeno porte situados em seu interior poderiam ser substituídos por estruturas de 20 ou 30 pavimentos. Aquelas modestas construções, verdadeiros pardieiros, poderiam sem prejuízo algum, dar lugar a torres expressivas, que além de multiplicarem a área vital do setor confeririam a qualidade que ela merece ter.

Arquitetos